



VALORIZAÇÃO ARQUITETÔNICA DA CASA FLUTUANTE DA AMAZÔNIA

Sustentabilidade Identitária da Casa Flutuante de Manaus

Angela Braga, alimabraga@hotmail.com Carlos Alho, carlosalho@fa.ulisboa.pt Antonio Leite, amleite@fa.ulisboa.pt

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

CIAUD – Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design – FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

RESUMO

Este estudo sobre a valorização da casa flutuante em Manaus, destaca a importância histórica e cultural desse património para a cidade. Além disso, a metodologia utilizada analisa soluções adotadas para preservar e promover a identidade deste tipo de habitação, bem como apresenta recursos que não devem ser adotados. Um exemplo emblemático é a própria cidade flutuante de Manaus, integrante da história, extinta em 1967 com proibição de novas construções e outorgada novas soluções. No entanto, as tipologias, adotadas não valorizam a história, a cultura e as memórias da casa flutuante. Os resultados revelam a necessidade de um esforço conjunto para proteger e valorizar essas habitações ribeirinhas, garantindo sua integridade e contribuindo para a sustentabilidade da paisagem cultural da região. Com base nessas descobertas, argumenta-se que a valorização da casa flutuante é essencial para a manutenção da sustentabilidade e da identidade histórica e cultural de Manaus.

Palavras-Chave: Valorização, Casa Flutuante, Sustentabilidade, Identidade

Bloco temático: 2. Cidade e Ambiente. **Temas:** 4. Património e Paisagem Cultural.

ABSTRACT

This study on the valorization of the houseboat in Manaus highlights the historical and cultural importance of this heritage for the city. In addition, the methodology used analyzes solutions adopted to preserve and promote the identity of this type of housing, as well as presents resources that should not be adopted. An emblematic example is the floating city of Manaus itself, an integral part of history, extinguished in 1967 with a ban on new construction and granted new solutions. However, the typologies adopted do not value the history, culture and memories of the houseboat. The results reveal the need for a concerted effort to protect and valorize these riverside dwellings, ensuring their integrity and contributing to the sustainability of the cultural landscape of the region. Based on these findings, it is argued that the valorization of the houseboat is essential for maintaining the sustainability and the historical and cultural identity of Manaus.

Keywords: Valorization, Floating House, Sustainability, Identity

Thematic clusters: (City and Environment) **Topic:** (Heritage and Landscape)

Introdução

"A importância do património e da paisagem cultural na preservação da identidade de uma cidade ou região é amplamente reconhecida. De acordo com Choay (1925), o termo 'património histórico' surgiu nos anos 60 como uma evolução dos termos utilizados no século XIX, nomeadamente 'monumento' e 'monumento histórico'. Esses termos descrevem artefactos e obras que desempenham um papel de memória para a comunidade, sendo que monumento histórico marca um fato ou um acontecimento. No entanto, a gestão do património cultural vai além da mera proteção física, incorporando questões sociais, económicas e ambientais, visando garantir a preservação e a valorização desses bens (Choay, 1925). A convenção de 1972 divide o património cultural em três categorias: monumentos, sítios e grupos de edifícios. Ao longo dos anos, a lista de Património Mundial passou a incluir bens cada vez mais complexos, exigindo uma gestão mais rigorosa desses bens. Quando passam para o status de Património Mundial, conferem prestígio aos bens e incentivam os Estados-partes a melhorar a gestão do património cultural. A responsabilidade dos bens que possam ser reconhecidos recai sobre o Estado-parte, que deve considerar o contexto político, social, institucional e económico para garantir o sucesso de um património preservado (Caro, 2016). Este trabalho visa valorizar a casa flutuante da Amazônia, em Manaus, como parte integrante do património e da paisagem cultural da região, sem a pretensão de que elas façam parte do património Mundial. O que está em causa é a proteção física, da história e da memória. Destacam-se os trabalhos que o estado tem feito com relação às áreas sociais, económicas e ambientais das casas flutuantes e a abordagem participativa das comunidades locais. Pois, esta participação é essencial para a manutenção adequada deste património. A busca por um equilíbrio entre a valorização do bem e o desenvolvimento sustentável da Identidade é fundamental para garantir benefícios económicos, coesão social e preservação dos recursos naturais, assegurando assim a perpetuação desses valores para as futuras gerações."

1. Património e Paisagem Cultural

O significado do patrimônio passou por notáveis transformações ao longo dos séculos. Desde a busca dos humanistas pelos objetos da realeza no século XV, até a primeira revolução cultural na Itália, no século XVI, onde o património deixado pelos romanos e gregos passou a ser valorizado e preservado. Com a revolução industrial no século XVIII, na Inglaterra, a valorização do patrimônio se intensificou através de retratos e observações. O século XIX testemunhou disputas e fundamentos entre arquitetos-restauradores e críticos-de-arte na Itália, Inglaterra e França, culminando em convenções de preservação, como a conferência de Atenas em 1931. Essa conscientização sobre o patrimônio cultural avançou para além da Europa, com a adesão de países como México e Peru na conferência de Veneza em 1964. Após a Segunda Guerra Mundial, as negociações progrediram para proteger o patrimônio destruído pelo conflito, e em 1972, a conferência mundial das Nações Unidas em Paris contou com a participação de 113 países (Choay, 1925). Desde então, o conceito de patrimônio cultural tem sido ampliado, com foco no Valor Universal Excepcional, baseado em elementos históricos, artísticos ou científicos. A Convenção do Patrimônio Mundial reconhece que a definição de paisagem cultural é dinâmica e em constante desenvolvimento. Não existe um critério único para classificar paisagens culturais, e qualquer aspeto cultural pode justificar seu valor universal. Paisagens culturais podem ser planejadas, evoluir organicamente ao longo do tempo ou ter associações significativas. Essa complexidade e sobreposição de categorias refletem a natureza em constante evolução do patrimônio cultural e a necessidade de análises abrangentes para sua preservação e valorização (Rao, 2016). Assim, a história do patrimônio cultural é marcada por um percurso de valorização crescente e esforços para proteger a diversidade cultural e histórica de diferentes nações. A conferência mundial de 1972 foi um marco importante para promover a cooperação internacional na preservação do patrimônio cultural e natural. À medida que o conceito de patrimônio continua a evoluir, é essencial que as nações cooperem e promovam estratégias eficazes para proteger e transmitir essa rica herança às futuras gerações, em um esforço conjunto para preservar nossa história e identidade cultural.

2. Casas Flutuantes de Manaus: Um olhar Comparativo

2.1. A Casa Flutuante da Antiga Mesopotâmia

As comunidades flutuantes têm uma história rica e antiga, que remonta a nossa sociedade. Representações em argila com aproximadamente 5.000 anos de idade, produzidas durante o império sumério, indicam que alguns dos primeiros estabelecimentos na Mesopotâmia - "a região entre os rios" - foram edificadas em ilhas flutuantes com caniços, nos pântanos situados na desembocadura dos rios Tigre e Eufrates, uma das áreas iniciais onde foi desenvolvida a agricultura, a escrita e estabelecido um panteão de divindades.



Fig. 1 – Localização da Mesopotâmia. Fonte: <https://www.coladaweb.com/historia/civilizacao-mesopotamica>. Ac: 02/07/2023

O conhecimento a respeito da história destas casas flutuantes é bastante limitado, sabe-se apenas relatos de europeus que estiveram nas localidades e registraram alguns vestígios. Estes registros revelam a existência de um mundo desconhecido, com diversas edificações pequenas e de maior porte em aldeias construídas em ilhas móveis flutuantes, chamadas kibasha, além de ilhas mais estáveis, conhecidas como dibin. Esses assentamentos eram compostos por um grupo identificado como Madan, também chamados informalmente de "povos pantaneiros". Os Madan tradicionalmente se dedicavam à criação de búfalos.



Fig. 2- Ilhas Flutuantes no Iraque. Fonte: Blecher 2016, fotografia, faz parte de seu trabalho de sua pesquisa.

Os Madan utilizavam embarcações pequenas de madeira, chamadas de Mashoof e tara-da, que servia de transporte e conexão entre as ilhas. As ilhas que não tinham movimento eram firmes e estruturadas, abrigavam pequenas moradias feitas com trabalhos artesanais de caniços, além das construções maiores chamados Mudhif, que funcionavam como um albergue e encontros de pessoas mais velhas. A devastação deste assentamento, ocorreu na década de 1990, resultando no desaparecimento dos agrupamentos flutuantes. Saddam Hussein empreendeu um programa agressivo para desviar o fluxo dos rios Tigre e Eufrates, como forma de punição por uma revolta inútil de um grupo contra ele. Essa ação visava dizimar os santuários dos Madan e acabar com a alimentação do lugar, a maioria foi obrigada a abandonar seu local de morada. Depois da queda de Saddam, pouco existia desta localidade. Alguns se uniram e tentaram destruir as obras que aterraram as ribeiras e lagos, mas essa iniciativa obteve pouco sucesso. No entanto, não há registos recentes de comunidades flutuantes nas ilhas de junco. As interferências humanas e as mudanças ambientais na região tornaram cada vez mais improvável a continuidade dessa tradição cultural, única dos Madan nos pântanos (Blecher, 2016).

2.2. A Casa Flutuante na Holanda

A Holanda é conhecida por ter uma parte significativa do seu território abaixo do nível do mar, o que resultou no desenvolvimento de tecnologias avançadas de diques e represas. No entanto, essas barragens já causaram tragédias irreparáveis com perda de vidas humanas no ano de 1953, que influenciaram novos estudos para enfrentar tais distúrbios. Além disso, as mudanças climáticas representam uma séria ameaça, exigindo um investimento considerável do governo na proteção contra inundações previsíveis no futuro.



Fig. 3 – Inundação da Holanda, 1953. <https://www.hollandlandofwater.com/pt/watersnoodramp-1953/>. Ac: 03/07/2023

Diante desse cenário, a Holanda se tornou uma referência em moradias flutuantes. Estima-se que já existam milhares de casas flutuantes no país, desde barcaças convertidas em moradia até casas modernas feitas de vidro, aço e concreto. Em Amsterdão, é possível visitar ilhas flutuantes, bem estruturadas, localizadas a uma curta distância do centro da cidade. Em apenas poucos anos, a falta de moradias por carência de terrenos foi revertida por meio da criação de um complexo bem projetado em uma lagoa artificial. Com a construção de ilhas e casas flutuantes, a Holanda encontrou uma solução inovadora para seus problemas habitacionais.

As habitações flutuantes projetadas em Amsterdão apresentam cascos de concreto, que ficam parcialmente imersos, proporcionando suporte para uma estrutura leve de aço, com pisos construídos em madeira e paredes que delimitam os ambientes. Nos quartos e no banheiro, acomodados no andar inferior, é possível desfrutar de uma experiência diferenciada, enquanto a cozinha e o banheiro principal ocupam o piso superior, situado cerca de 1 metro acima do nível da água. Essa abordagem singular viabiliza um estilo de vida exclusivo. Ao longo da história, comunidades flutuantes têm existido nas margens, desde os Madan nos pântanos da Mesopotâmia até os primeiros assentamentos em Copenhague.



Fig. 4 - Flutuantes em Amsterdão – Fonte: <http://www.guiabsb.net/11-14/paises-baixos-diversidades-culturais/>. Ac: 03/07/2023

As comunidades flutuantes da europa no início foram ocupadas por pessoas de baixa renda, depois pelas que adotaram esse estilo de vida. Atualmente, é possível encontrar comunidades de casas flutuantes habitadas por diferentes classes sociais, preenchendo espaços na paisagem urbana, tanto em áreas periféricas quanto em portos pós-industriais, que cumprem a nova ordem de sustentabilidade do ambiente explorado. A tendência de morar sobre a água está evoluindo. Comunidades flutuantes estão se adaptando e se modificando ao longo do tempo. Essas mudanças refletem a busca por soluções habitacionais inovadoras e sustentáveis. Diante das alterações climáticas, o mundo está cada vez mais investindo em moradias sobre a água, buscando garantir a segurança das comunidades e a preservação do meio ambiente, (Blecher, 2016).

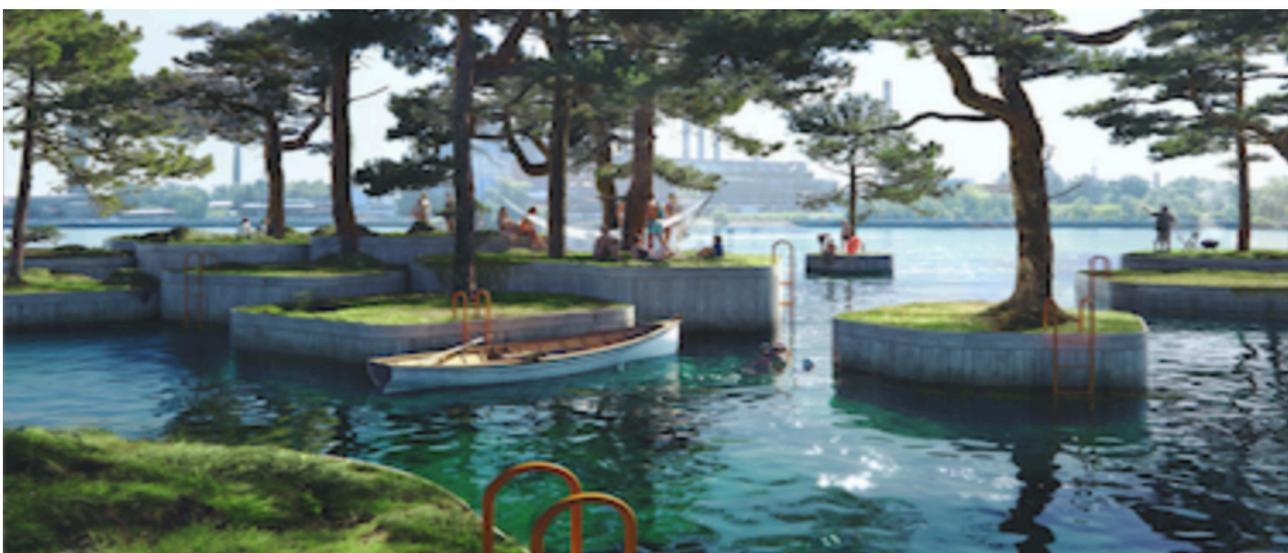


Fig. 5 – Copenhagen Island. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/938072/marshall-blecher-and-studio-fokstrot-projetam-ilhas-flutuantes-no-porto-de-copenhague>. Ac: 10/07/2023

2.3. A casa Flutuante em Manaus

É sabido que as comunidades ribeirinhas da Amazônia há muito tempo construíram habitações adaptadas às condições fluviais, mas não encontramos documentos que comprovem a evolução destas tipologias. No entanto, a história da casa ribeirinha remonta mais de 3000 anos a.C. de ocupação, (Buchillet, 1997). No século XVI, as canoas eram fundamentais para a vida na selva, evoluíram para abrigos flutuantes. Os nativos fabricavam suas canoas, assim como em Veneza e México. Durante a seca dos rios, cada morador aplicava suas habilidades na madeira para moldar suas embarcações. Os utensílios utilizados eram diferentes dos ferreiros europeus. Os nativos sabiam utilizar pedras e cascos de tartaruga curado e afiados para construir seus utensílios, objetos, caçar, pescar e coletar os produtos da selva (Carvajal, 1941).



Fig. 6 - Aquarela de Francisco Requeña y Herrera, *Chefe da comissão limites da Amazônia de 1776* – Fonte: *Brasil Indígena*.

A chegada do europeu, fomentou a procura dos produtos da selva, chamados de drogas do sertão. A primeira vila, que hoje é Manaus, foi implantada estrategicamente no encontro dos principais rios do Amazonas e seu terreno era totalmente interligado por igarapés de pequeno e médio porte. A importância das drogas do sertão e a conexão com os igarapés e rios são elementos essenciais para compreender a história e o desenvolvimento dessa região, demonstrando a valorização do conhecimento tradicional (Gonçalves, 1904). “A partir de 1827, a borracha amazônica começa a aparecer na pauta de exportação regional”. O boom da indústria da borracha atraiu trabalhadores de diferentes partes da Europa, América do Norte, municípios de Manaus e principalmente do Nordeste do Brasil, os nordestinos são considerados parte da história de Manaus. (Benchimol, 2021:67).



Fig. 7 – Balsa de borracha. Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/20/politica/1400538740_314335.html. Ac: 03/07/2023

Durante este período, Manaus passou por um rápido desenvolvimento impulsionado pelo governador Eduardo Ribeiro. Inspirado no famoso Plano Haussmann de Paris, ele implementou um programa de urbanização que visava atender aos gostos da elite estrangeira, conhecida como os barões da borracha. Como resultado, os casebres, tapiris e igarapés dos ribeirinhos foram transformados, dando lugar a uma nova ordem de construções. Os igarapés e riachos foram aterrados ou substituídos por pontes, abrindo espaço para um novo modelo urbano. As ruas e avenidas tornaram-se mais amplas, com calçadas lisas e pavimentadas com materiais importados da Europa e Estados Unidos.



Fig. 8- Mapa de Manaus. Fonte: Dias Pollyanna, 2013 (Mestrado em Letras e Artes, Arquitetura Neogótica no Período da Borracha,)

Esse processo transformou Manaus de uma simples vila ribeirinha em uma cidade moderna e próspera, que refletiam o estilo de vida europeu. As transformações urbanas impulsionaram o crescimento e o progresso da cidade na época da indústria da borracha. O legado dessas mudanças ainda é visível na arquitetura e no planejamento urbano de Manaus. No entanto, o modelo parisiense, voltado para a elite, deixou de contemplar a cultura e a grande maioria dos habitantes local, como a comunidade ribeirinha flutuante de Manaus.



Fig. 9 – Centro Histórico de Manaus. Fonte: <https://brasilturismo.com/cidades-do-brasil/manaus.Ac>: 15/07/2023

Quando a era do ciclo da borracha acabou e os ribeirinhos dos seringais perceberam que sua única chance de sobrevivência estava na próspera cidade, a comunidade ribeirinha viu uma oportunidade e vieram pra Manaus, dando origem a uma grande cidade flutuante no rio Negro, em frente ao principal porto de entrada e saída de mercadorias. Rapidamente, essa cidade flutuante se tornou o maior mercado de produtos da floresta e prestação de serviços.

No início da formação da cidade, a maioria das habitações era construída com uma estrutura básica feita de toras de madeira leve e flutuante, cobertas e cercadas por palha, e conectadas por trapiches flutuantes também feitos de madeira. No entanto, essa configuração arquitetônica apresentava várias questões, incluindo o risco de incêndios.



Fig. 10- Cidade Flutuante de Manaus. Fonte: Moacir de Andrade em: *Manaus, ruas fachadas e varandas*, (1985).

Após um grande incêndio que se espalhou rapidamente pelas casas de palha, sua construção foi proibida, mas problemas sociais e ambientais persistiram. Em 1967, o governador proibiu novas estruturas flutuantes na região. Arthur Reis, então governador, criou o primeiro conjunto habitacional para a comunidade ribeirinha em uma área distante de Manaus. Embora atendesse às demandas da época, o projeto não considerou as tradições e peculiaridades locais, repetindo um ciclo histórico. (Andrade, 1985).

2.3.1. Material, Tipologia e Técnicas da Casa Flutuante de Manaus

Após o grande incêndio que proibiu o uso de palha nas casas flutuantes, uma nova proposta surgiu, tornando a madeira o material obrigatório para cercá-las. No entanto, muitas casas ainda continuavam cobertas com palha devido à sua abundância na região e facilidade de acesso. Com o tempo, surgiram novas tipologias, com coberturas de zinco, alumínio e amianto (Gregório, 2019). É importante considerar que essa região tropical tem temperaturas muito quentes e húmidas, tornando as coberturas de palha mais adequadas.

Materiais - A arquitetura das casas flutuantes na região da Amazônia é historicamente caracterizada pelo uso predominante de madeira e palha. Inicialmente, o cipó títica era amplamente utilizado para prender as palhas nas paredes e telhados. Com o passar do tempo, houve uma transição na escolha dos materiais, e atualmente, a madeira continua sendo empregada, enquanto a palha foi substituída por materiais mais modernos, como alumínio ou telha galvanizada, fixados com pregos para garantir a estabilidade da estrutura.

Tipologias - As casas flutuantes são construções ribeirinhas erguidas sobre toros grossos de madeira flutuante, geralmente feitos de açacu, uma madeira leve e resistente. A forma dessas casas é retangular, com proporções cuidadosamente calculadas para evitar o risco de virarem com o movimento das embarcações. Quanto à cobertura, a mais comum é o estilo de oitão em duas águas (formato de V invertido), embora também sejam utilizadas coberturas de uma água.

Técnicas - A montagem da assoalhada é feita sobre uma estrutura de travessas que repousam sobre os toros de madeira flutuante. As paredes são construídas com madeira leve e resistente, dispostas de forma enripada ou sobreposta. A escolha dessas técnicas visa garantir a durabilidade e a resistência das construções, além de evitar odores que possam atrair insetos indesejados. Na vista frontal, as casas flutuantes exibem varandas, portas e janelas com detalhes idênticos. A pintura das paredes pode incluir barras inferiores em cores distintas ou ripas de mata com cores vivas (Andrade, 19984; Bahamón & Álvarez, 2009).

2.3.2. Programa de Habitação para as áreas de igarapés de Manaus

Ao longo dos anos, muitos bairros tradicionais de Manaus, que abrigavam comunidades inteiras de casas flutuantes nos igarapés, foram removidos. Um novo modelo está sendo implementado pelo governo, com ajuda do banco mundial.



Fig. 11 – Igarapé Manaus, Parque residencial Manaus, antes e depois. Fonte: (Goes, 2016), montagem da autora.

O Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM) concentrado na revitalização dos igarapés, incluindo a dragagem, aterro de alguns trechos, limpeza e urbanização das margens, além do realojamento de famílias de áreas consideradas de risco, a proposta utiliza novas tipologias, materiais e técnicas de construção.



Fig. 12 – Bairro de São Raimundo, ante e depois. Fonte: (Goes, 2016), montagem da autora.

Atualmente, o modelo adotado enfatiza casas de tijolo aparente, com três pavimentos, áreas com praças e pistas de caminhada, seguindo tendências modernas de parques. Inspiradas em modelos europeus, as cidades brasileiras incorporaram parques para proporcionar prazer de viver em espaços abertos e oferecer áreas de lazer agradáveis. Os bairros de Educandos, São Raimundo e o centro de Manaus já adotaram esses projetos, passando por processo completo de urbanização (Goes, 2016). No entanto, ainda faltam leis e áreas específicas que valorizem a sustentabilidade e identidade ribeirinha. É essencial estabelecer medidas que preservem o modo de vida ribeirinho, reconhecendo a importância histórica e cultural das casas flutuantes e promovendo práticas sustentáveis para respeitar a identidade local e a sustentabilidade ambiental.

3. Valorização da Casa Flutuante de Manaus

A valorização das casas flutuantes na Amazônia, especialmente em Manaus, é crucial para o equilíbrio populacional regional e tem implicações ambientais globais. A Zona Franca de Manaus atraiu migrantes, levando a ocupações desordenadas em áreas protegidas como a APA Mindú, nos bairros Jorge Teixeira, Arthur Virgílio e João Paulo (Ferreira; Costa, 2007). Valorizar essas casas é essencial para preservar essas áreas. As comunidades ribeirinhas desempenham papel importante na navegação dos rios e práticas sustentáveis contribuindo para a conservação da biodiversidade e mitigação das mudanças climáticas. O conhecimento tradicional e a população nordestina foram fundamentais para a construção da região norte (Benchimol, 2021). Preservar as casas flutuantes fortalece esse conhecimento ancestral sobre fauna, flora e práticas sustentáveis, mantendo a identidade dos povos tradicionais e o equilíbrio ambiental.



Fig. 13 – Casa Tradicional Flutuante. Fonte: <https://br.depositphotos.com/stock-photos/amazonas-manau.html>. Ac:15/07/2023

Seu modo de vida sustentável pode servir como fonte de aprendizado e inspiração para práticas sustentáveis em todo o mundo. Valorizar as casas flutuantes na Amazônia é reconhecer a importância dessas comunidades ribeirinhas e apoiar iniciativas que promovam sua valorização e preservação. Isso requer a implementação de políticas públicas que garantam a proteção das áreas de conservação, a oferta de soluções habitacionais adequadas para os ribeirinhos e a promoção do turismo sustentável, que respeite e valorize a cultura e o conhecimento dessas comunidades. Em última análise, ao valorizarmos as casas flutuantes, estamos contribuindo para a preservação de um patrimônio ambiental e cultural único, enquanto promovemos a sustentabilidade e a proteção da biodiversidade na Amazônia. Essa valorização é essencial para garantir a sobrevivência e o bem-estar das comunidades ribeirinhas e para a proteção desse ecossistema tão vital para o planeta. É nosso dever coletivo apoiar e trabalhar em prol da valorização e preservação das casas flutuantes na Amazônia e garantir um futuro sustentável para essa região tão rica e essencial para o nosso planeta.

“É importante ter em conta que a arquitetura sustentável não só beneficia o ambiente, como também pode melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem nesses edifícios, promovendo um ambiente saudável e confortável” (Olgyay, 1963: 122).

4. Sustentabilidade da Identidade da Casa Flutuante de Manaus

A sustentabilidade da identidade da casa flutuante de Manaus envolve preservar o conhecimento tradicional, proteger a cultura, a identidade local, equilibrar a tradição, inovação, valorizar economicamente e turisticamente, promover a participação comunitária e incentivar o turismo cultural. Medidas que podem suportar a preservação das casas flutuantes.

Sustentabilidade e Identidade

2.1.1. Preservação do conhecimento tradicional: As casas flutuantes são símbolos do conhecimento ancestral dos ribeirinhos sobre a floresta, fauna, flora e práticas sustentáveis. Ao valorizar essas habitações, preserva-se o conhecimento tradicional, transmitindo-o às gerações futuras.

2.1.2. Proteção da cultura e identidade local: As casas flutuantes são fundamentais para preservar a cultura e identidade das comunidades ribeirinhas, mantendo vivas tradições, rituais e modos de vida únicos. Valorizar esses aspectos culturais é essencial para sua continuidade.

2.1.3. Equilíbrio entre tradição e inovação: Para sustentar a identidade das casas flutuantes, é necessário equilibrar a preservação das tradições (Benchimol, 2021), com a adoção de práticas e tecnologias modernas. Isso inclui materiais sustentáveis, energia renovável e infraestrutura inteligente, alinhados aos princípios da sustentabilidade

2.1.4. Valorização econômica e turística: A identidade das casas flutuantes pode impulsionar a economia turística. Ao promover produtos artesanais, oferecer experiências autênticas e valorizar o conhecimento local, incentiva a valorização e gera renda para as comunidades.

2.1.5. Participação e empoderamento comunitário: Preservar a identidade das casas flutuantes exige a participação ativa das comunidades ribeirinhas. É essencial envolver os moradores nas decisões, planejamento e gestão dessas habitações, capacitando-os a promover sua cultura.

2.1.6. Turismo cultural: O turismo cultural atrai visitantes interessados na história, arte, ciência e estilo de vida de uma comunidade ou região. Envolve experiências como apreciar patrimônio arquitetônico e vivenciar costumes locais, como cerimônias tradicionais (Kohler et al, 2007).

5. Metodologia

A pesquisa teve início com as observações diretas em Manaus, anos atrás. Depois a revisão da literatura sobre conceitos de patrimônio cultural, paisagem cultural, sustentabilidade, identidade e valorização, fez-se a montagem do trabalho que inclui a seleção de fotografias representativas para destacar a importância do assunto. Os documentos para análise foram obtidos na Biblioteca Nacional de Lisboa e em sites de pesquisa científica. O objetivo principal foi comprovar a relevância da preservação e valorização do patrimônio cultural e sua conexão com o desenvolvimento sustentável e identidade. Investigou-se a história e a evolução da casa flutuante na região e em outros lugares do mundo, usando o método de Caso de Estudo. A importância cultural dessa habitação foi evidenciada por comunidades, na Mesopotâmia um exemplo de perdas irreparáveis para a comunidade, o país e a humanidade. A Holanda, demonstra uma abordagem sob a ótica da sustentabilidade e identidade e que pode gerar impactos sociais, econômicos e ambientais positivos, impulsionando a economia regional e protegendo o meio ambiente. Além dos benefícios para as comunidades tradicionais, ao praticarem sua cultura e história, a valorização da casa flutuante é fundamental para a preservação desse patrimônio. O trabalho busca chamar a atenção para a valorização dessa cultura com gestão sustentável, visando o futuro. A participação ativa da comunidade é essencial para alcançar esse objetivo. Os desafios deste trabalho foi a distância de Manaus, impossibilitando pesquisas de campo em vários aspectos. Entretanto, o conhecimento adquirido por anos de vivência em comunidades flutuantes possibilitou o método comparativo e seletivo que possibilitou demonstrar a cultura dos flutuantes de Manaus.

6. Resultados e Conclusão

Valorização Arquitetônica e a Sustentabilidade Identitária das Casas Flutuantes na Amazônia com foco em Manaus.

6.1. Desafios da Valorização da Casa Flutuante de Manaus:

Urbanização desordenada e pressão imobiliária: O rápido crescimento urbano e a especulação imobiliária ameaçam as áreas de ocupação tradicional das casas flutuantes, levando ao deslocamento das comunidades ribeirinhas.

Políticas públicas inadequadas: A falta de políticas específicas para a valorização e preservação das casas flutuantes pode resultar em ações que não considerem o valor histórico, cultural e ambiental dessas habitações.

Impactos ambientais: O aumento das atividades industriais, a expansão das cidades e as mudanças climáticas podem afetar negativamente a biodiversidade dos rios e da floresta amazônica, colocando em risco o modo de vida ribeirinho.

Desconhecimento e falta de conscientização: Muitas pessoas desconhecem a importância das casas flutuantes como parte da identidade cultural e ambiental da Amazônia, o que pode levar à falta de apoio e valorização dessas comunidades.

6.2. Oportunidades na preservação das casas flutuantes:

Turismo sustentável: O turismo cultural e ecológico pode proporcionar oportunidades econômicas para as comunidades ribeirinhas, incentivando a preservação das casas flutuantes e da cultura local.

Parcerias e cooperação: A colaboração entre o governo, organizações não governamentais, comunidades locais e especialistas pode resultar em estratégias eficazes para a preservação das casas flutuantes e a promoção da sustentabilidade.

Valorização do conhecimento tradicional: O reconhecimento e valorização do conhecimento tradicional dos ribeirinhos podem levar a uma melhor compreensão e preservação das práticas sustentáveis dessas comunidades.

Educação e conscientização: Promover a educação e a conscientização sobre a importância das casas flutuantes para a identidade cultural e ambiental da Amazônia pode mobilizar o apoio da sociedade para a sua preservação.

Inovação sustentável: A incorporação de práticas sustentáveis na construção e manutenção das casas flutuantes pode garantir a sua continuidade, adaptando-se às mudanças ambientais e sociais.

Desenvolvimento local: Investimentos em infraestrutura e serviços nas comunidades ribeirinhas podem melhorar a qualidade de vida dos moradores, fortalecendo a sua ligação com as casas flutuantes e estimulando o sentimento de pertencimento e preservação.

Conclusão

A valorização das casas flutuantes na Amazônia, especialmente em Manaus, é fundamental para a preservação da identidade cultural, ambiental e histórica dessa região. Essas habitações, que têm uma rica história que remonta a milênios, representam o conhecimento tradicional e a relação harmoniosa das comunidades ribeirinhas com a floresta e os rios. Através de políticas públicas adequadas, incentivo ao turismo sustentável, conscientização e cooperação, podemos enfrentar os desafios da preservação das casas flutuantes. Ao valorizar economicamente e turisticamente essas habitações, promovemos o empoderamento das comunidades ribeirinhas e a conservação de suas tradições e modo de vida. A busca por um equilíbrio entre a valorização das casas flutuantes e o desenvolvimento sustentável da região é essencial para garantir benefícios econômicos, coesão social e a preservação dos recursos naturais, assegurando assim a perpetuação desses valores para as futuras gerações. Preservar as casas flutuantes é proteger a identidade cultural e ambiental da Amazônia, tornando-se uma responsabilidade

6.3. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

6.3.1. Obra completa

- ANDRADE, M. (1985). Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas. Editora Humberto Calderaro.
- BAHAMÓN, S; ÁLVAREZ, A.M. (2009). Palafita: Da arquitetura vernácula à contemporânea (1ª ed.). Argumentum.
- BENCHIMOL, S. (2021). Amazônia: Formação Social e Cultural (4ª ed.). Editora Valer.
- CARO, S. (2016). Gestão do Património Mundial Cultural. Unesco Brasil, IPHAN. ISBN: 978-85-7652-207-2.
- CARVAJAL, G. (1941). Descobrimientos do Rio das Amazonas (1º ed.). Editora Nacional.
- CHOAY, F. (2025). As Questões do Património – Antologia para um combate. Edições 70 LDA.
- DIAS, E. M. (2019). A Ilusão do Fausto (3ª ed.). Editora Valer.
- FIGUEIREDO, C. (1913). Novo Dicionário da Língua Portuguesa - Em Nova Edição. Lisboa, Portugal.
- GONÇALVES, L. (1904). Esboço Histórico, Chorographico e Estatístico até o anno de 1903. (1º ed.) Hugo J. Hanf, New York, USA.
- OLGYAY, V. (1963). Arquitectura y Clima – Manual de diseño bioclimático para arquitectos y urbanistas. Barcelona, 1998.
- RAO, K. (2016). Manual de Referência do Património Mundial. Unesco Brasil, IPHAN. ISBN: 978-85-7621-184-6.

1.1.1. Teses e dissertações:

- BLECHER, M. M. (2016). Mundos Aquáticos: Uma Pesquisa de Comunidades Flutuantes em todo o Mundo. Byera Hadley Travelling Scholarships Journal Series. [master pela Royal Danish Academy of Arts, School of Architecture] Copenhagen.
- GOES, B. S. (2016). Explorações Semióticas do PROSAMIM: Um estudo eco sistémico da comunicação a partir da dinâmica da semiose no Parque Residencial Manaus e no Parque Rio Negro [Tese de Mestrado, Universidade Federal do Amazonas (UFAM)]. Manaus.
- GREGÓRIO, D.K. (2019). Sobre as águas da Amazônia: Habitação e Cultura Ribeirinha. [Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. (FAUUSP)]. São Paulo.

1.1.2. Artigos de Revistas:

- BUCHILLET, D. (1997). Índios da região do Alto Rio Negro: História, etnografia e situação das terras. São Paulo, Brasil. DOI: 10.13140/RG.2.2.29286.83521.
- FERREIRA, A. S. & COSTA, L. A. (2007). Diagnóstico da estrutura urbana de ocupação desordenada na zona leste da cidade de Manaus, Amazonas. Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas - UFAM, ISSN impressa: 0100-8307, ISSN on-line: 2179-460x.
- KOHLER, A. F. & ALL. (2007). Turismo Cultural: Conceituação, Fontes de Crescimento e Tendências. São Paulo, Brasil. DOI: 10.14210/Rtva.v9n2.p185-198.

1.1.3. Fontes eletrônicas

<http://www.guiabsb.net/11-14/paises-baixos-diversidades-culturais/>. Ac: 03/07/2023

<https://br.depositphotos.com/stock-photos/amazonas-manaus.html>. Ac:15/07/2023

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/20/politica/1400538740_314335.html. Ac: 03/07/2023

<https://brasilturismo.com/cidades-do-brasil/manaus.Ac>: 15/07/2023

<https://www.archdaily.com.br/br/938072/marshall-blecher-and-studio-fokstrot-projetam-ilhas-flutuantes-no-porto-de-copenhaque>. Ac: 10/07/2023

<https://www.coladaweb.com/historia/civilizacao-mesopotamica>. Ac: 02/07/2023

<https://www.hollandlandofwater.com/pt/watersnoodramp-1953/>. Ac: 03/07/2023